

Um olhar de descoberta na Paris da Belle Époque

João Anzanello Carrascoza¹

Christiane Godinho Santarelli²

RESUMO

Ao estilo dos textos de Baudelaire sobre os *flâneurs* que caminhavam na cidade de Paris, descobrindo os símbolos da modernidade, este artigo narra a chegada de um estrangeiro à capital francesa no início do século XX e seu passeio pela cidade. Ao longo de um dia, ele tomará contato com as obras de importantes artistas como Toulouse-Lautrec, Murcha e Chéret, que desenharam cartazes para shows, embalagens de produtos, folhetos promocionais, entre outras manifestações artísticas exploradas pelo então nascente espírito moderno. À semelhança do romance de Umberto Eco, *A misteriosa chama da rainha Loana*, que reproduz imagens da cultura *pop* e erudita em meio à sua narrativa, o texto segue o formato de ensaio ilustrado, fundindo a ficção com os aspectos reais da Paris na efervescência da Belle Époque. A estrutura, portanto, rompe com os gêneros tradicionais dos artigos acadêmicos, apresentando conteúdo reflexivo por meios dos personagens e da trama engendrada.

Palavras-chave: Paris; Belle Époque; modernidade; imagens; publicidade.

ABSTRACT

In the style of Baudelaire's texts on the flâneurs who used to walk in the city of Paris, finding the symbols of modernity, this article narrates the ar-

1 Doutor em Ciência da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), onde leciona no curso de Publicidade e Propaganda, e docente do Programa de Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-SP).

2 Doutoranda em Ciência da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

rival of a foreigner in the early 20th century in Paris, and his tour around the French capital. In the course of one day, he will be in contact with the works of important artists, such as Toulouse-Lautrec, Murcha and Chéret, who drew posters for shows, products' packages, advertising leaflets, among other artistic manifestations, explored by the then rising modern spirit. Similar to Umberto Eco's novel The mysterious flame of Queen Loana, which reproduces images of both pop and erudite culture in its narrative, the text follows the illustrated essay format, merging fiction and the real aspects of Paris' effervescent Belle Époque. The structure, therefore, breaks free from the traditional genres of academic articles, presenting the reflexive content by means of its characters and engendered plot.

Keywords: Paris; Belle Époque; modernity; images; advertising.

A chegada

Fechou os olhos, e o espírito daquela época, bela e moderna, abriu-se aos seus pés. Como se na tela dos irmãos Lumière, Paris, o paraíso dos turistas, vibrava em imagens, saltando para a sua realidade. A realidade das majestosas mansões do Faubourg Saint-Germain, dos espetáculos do Théâtre des Variétés, dos divertidos *vaudevilles*, dos animados *cafés chantants*, dos grandes magazines.

O passeio

Emergindo da névoa, a cidade rugia aos ouvidos virgens do estrangeiro que, à porta de um pequeno hotel perto da Gare Saint-Lazare, suspirou ao iniciar seu passeio. Para trás já ficara o Boulevard Haussmann, enquanto adiante o exuberante Palais des Tuileries chamava a sua atenção, silenciosamente.

Era o seu primeiro dia em Paris. Na noite anterior, sentira-se exausto pelas dez horas que levava para fazer de trem a viagem de Charing Cross até ali. Apesar de excitado com a atmosfera elétrica da mais vibrante capital da Europa, havia preferido o suave entorpecimento de Morfeu à imediata embriaguez do absinto que serviam no Café du Helder, como soubera por um pôster afixado na estação ferroviária, onde desembarcara.

Com o *Paris-Almanach* numa das mãos e a bengala na outra, seguiu pela Rue de Rivoli, a respirar a brisa que levemente movia os galhos das árvores. Sorria por dentro, pela felicidade de estar, enfim, girando as engrenagens de seu sonho. Mirava a rua ruidosa com uma falsa calma, porque, em verdade, seus olhos, vorazes, queriam conhecê-la no ato. E a toda a Paris, máquina de fabulosas novidades.

O momento era maior que a sua capacidade de registrá-lo na memória. E o aprazia sentir essa agradável tensão. Haveria tempo para descobrir as mil e uma maravilhas que a cidade oferecia, desde o esplendor de sua arquitetura, espalhada em tantos prédios e monumentos históricos, à diversidade de seus programas culturais.

Desejava, nessa manhã ensolarada, vivenciar o progresso que marchava a cada quadra de Paris, ainda sob o clima efusivo das Exposições Universais com seus inusitados “panoramas de viagem”.

Mais à frente, na calçada oposta, um gazeteiro vendia o *Le Figaro*. O estrangeiro atravessou a rua, de onde pôde vislumbrar a Place Vendôme, e seguiu em direção ao gazeteiro. Esperou que ele desse o troco ao cavaleiro vestido com invejável apuro, e comprou o jornal.

Apressado, leu as manchetes na primeira página e folheou o jornal para verificar a sua diagramação, planejando lê-lo mais tarde, sentado confortavelmente num café. Admirou-se em dar, em meio às notícias, com a profusão de propagandas que vendiam um sem-número de cobiçadas mercadorias: digestivos, chocolates, tintos dos vinhedos do Château Lafitte, máquinas de costura, cosméticos, artigos de toucador.



Figura 1.

contemplando como uma criança aquelas iguarias. *Estupendo!*, sussurrou para si mesmo. A vontade de experimentar um pedaço de torta em forma de ponte o dominou. E era apenas o início do passeio! Teria outros dias para se entregar a todo tipo de degustação...

E ainda havia muitos anúncios de atrações culturais como o *Le salon des cent*, o cinematógrafo, a revista *Simplicissimus*, o *ballet* do Folies-Bergère.

Ante aquela espantosa variedade de marcas de produtos, de novos serviços, o estrangeiro se sentia a um só tempo deslumbrado e inquieto, como um rio ao se aproximar da imensidão do mar.

Continuou a caminhar pela Rue de Rivoli. A vitrine de uma *boulangerie*, com pães de variados formatos à mostra, sugou a sua atenção. O estrangeiro parou,



Figura 2.

Em seguida, atraiu-o a tabuleta ao lado da *boulangerie*, onde fora afixado um cartaz colorido dos Biscuits Champagne Lefèvre-Utile. Nele, duas damas provavam os biscoitos num nobre salão ao lado de um cavalheiro de monóculo. Os traços sinuosos do desenho, tão cheio de ornamentos, só podiam ser fruto da evolução tecnológica da litografia. *Formidável*, ele disse para si mesmo. Sim, era formidável que os pintores agora não estivessem mais limitados a produzir apenas estampas retilíneas.



Figura 3.

Mais à frente, num longo tapume, ali instalado para esconder as obras de remodelação promovidas pelo prefeito da cidade, viu restos de um outro cartaz, que parecia ter sido arrancado. Pelo que sobrara dele, não conseguiu adivinhar qual seu desenho.

Pouco depois, entrou num café, procurou um canto tranqüilo e se acomodou. Ia ler seu jornal quando viu, na parede, o cartaz de uma mulher de traços suaves, cachos de cabelos compridíssimos e esplendidamente estilizados, os ombros desnudos, anunciando os papéis Job para enrolar fumo.



Figuras 4 e 5.

Fixou-se nos detalhes do monograma geométrico ao redor da figura feminina. Notou que era formado pelo desenho das letras da palavra *Job*, que se repetia, decorando todo o fundo. Era, inegavelmente, um *affiche* da vicejante *Art Nouveau*. Seus olhos luziam, admirados. E, embora fumasse

apenas charuto, teve desejo de comprar aquele papel para experimentá-lo com um tabaco parisiense.

Ao seu lado, um homem, diante de um livro aberto, notou seu olhar nu, de fascinação.

É uma obra-prima, não é?, comentou ele.

O estrangeiro aproveitou a *entente cordiale* do francês para lhe perguntar o nome do pintor que desenhara o pôster.

Mucha, respondeu o homem. Um checoslovaco que viera a Paris trabalhar com o pintor Jean-Paul Laurens. A encomenda de um cartaz para divulgar uma peça de teatro de Victorien Sardou, com Sarah Bernhardt, mudara a sua vida.

Ele caiu nas graças da atriz, explicou o francês.



Figura 6.

E contou que, desde então, o artista era quem fazia quase todos os pôsteres das peças do Theatre de la Renaissance.

Seu estilo decorativo, de inumeráveis volutas, ganhara também o interesse de grandes companhias que o procuravam para fazer cartazes publicitários de seus produtos.

Veja aquele ali, disse o homem, apontando para outro *affiche* junto ao balcão do café. *É outra obra de Mucha*.



Figura 7.

O estrangeiro agradeceu a informação, ergueu-se e foi apreciar de perto o pôster. Nele se via, ao centro, um casal de refinada aparência, rodeado de longas folhagens e delicadas flores alvas. Era uma imagem preciosa, de arte em superfície e de cores em camadas, facilmente compreensível, um estilo que parecia ter nascido para apresentar com perfeição as novidades do comércio e da indústria.

O estrangeiro voltou à mesa; um admirável mundo novo de apelos estéticos se expandia aos seus olhos.

É realmente um artista magnífico, disse, ao sentar-se.

O francês meneou a cabeça em sinal de cumplicidade e retornou à leitura de seu livro.

No largo salão, sem a névoa do fumo, que só era permitido à noite, alguns homens tomavam licor diante dos tabuleiros de dama e das peças de dominó, enquanto as mulheres sussurravam em sofás luxuosos ao lado de compridos espelhos.

O estrangeiro pediu ao garçom um *mazagran*. O copo de café com a garrafa d'água logo lhe foi servido. Enquanto degustava prazerosamente a bebida, mirava pela janela o frenesi do trânsito lá fora, a vida moderna que disseminava, com seu ritmo acelerado, uma infinidade de tentadoras emoções.

Entregou-se ao devaneio, repassando na memória alguns logradouros de Paris que desejava visitar: o Champs-Élysées, o Jardin du Luxembourg, o Quartier Latin com seus desregrados estudantes.

Estava, finalmente, fincado na energia da cidade; e a sua realidade febril, tão palpável, chamava-o para prelibá-la em sua plenitude.

E ele foi ao seu encontro.

Pagou a conta, deixando *un sou* para o garçom, e despediu-se do francês que, ao vê-lo se retirar, disse:

Se for pela rua de Richelieu, verá mais um Mucha.

O estrangeiro agradeceu, com um gesto de reverência, e saiu do café.

Seguiu pela mesma rua de onde viera e desembocou numa maior, que confirmou ser, numa placa de esquina, a própria Rue de Richelieu.

As pessoas caminhavam com vivacidade e o rumor dos coches e automóveis hipnotizava. O sol iluminava as calçadas limpas e reformadas aos seus pés, a ciência e a higiene modernas haviam triunfado em Paris.

Deu mais alguns passos, a admirar o traçado das casas mercantis, e avistou num muro, do outro lado da rua, um cartaz em formato vertical, de suave colorido, igual aos vistos havia pouco no café.

Atravessou a rua para apreciá-lo melhor. No centro do *affiche*, uma mulher de feições orientais, num vestido longo e cheio de dobras que parecia se mover por um vento invisível, segurava uma taça de bebida. *Möet & Chandon*, podia-se ler ao alto, e *Dry Imperial*, na



Figura 8.

extremidade inferior. Ao redor da cabeça da jovem, como se fosse sua auréola, uma espécie de vitral decorativo. O tema do *eternal feminine* estava de novo ali.

O estrangeiro suspirou, embevecido, e permaneceu uns minutos observando os pormenores da ilustração.

Paris era mesmo uma galeria de arte a céu aberto.

Continuou seu *tour*, passando pelo Palais Royal, à frente do qual se deteve para contemplar a imponente construção.

Depois, seguiu até o Louvre, sem plano de visitá-lo àquela hora. Faria-o na manhã seguinte.

Ansiava explorar a capital a pé, nesse primeiro dia, bordejando apenas seus patrimônios arquitetônicos para, com mais tranqüilidade, e em outro momento, enveredar pelos seus interiores.

O *frisson* da cidade, com um milhão e meio de habitantes, deslumbrava-o. Paris das ruas labirínticas e insalubres, do caótico sistema de transporte, fora sepultada, e estava à frente das outras metrópoles européias. As grandes avenidas abertas pelo barão Hausmann, havia poucas décadas, tinham dado à cidade uma magia urbanística que se espalhava por todos os cantos. Por isso, o estrangeiro podia agora cruzá-la, de ponta a ponta, flanando. Um universo de paisagens chamativas nascia a cada quarteirão. Motivo pelo qual ele pressionava fortemente a mão em sua bengala para não levitar.

Deteve-se uns minutos ante o imponente Grand Hôtel, projetado por Charles Garnier, com seus setecentos esplêndidos quartos, e seu vizinho e rival, o Grand Hôtel du Louvre.

Depois tangenciou o Palais des Tuileries e seguiu até a Place de la Concorde, onde parou para desfrutar a visão magnífica da Avenue des Champs-Élysées. Enquanto a contemplava, um *omnibus* estacionou à beira da calçada. As damas apearam primeiro e, em seguida, os homens desceram do andar superior; um deles escorregou nos estribos e quase caiu sobre uma jovem que passava.

O pequeno azáfama se desfez, o *omnibus* partiu e as pessoas se dispersaram. Algumas se dirigiram para o Sena; o estrangeiro, contornando a praça, foi no encalço delas. Lera no almanaque sobre os *mouches*, botes a vapor que cruzavam o rio, e tencionava ver como eram.

Puxou do bolso o relógio preso à corrente: dez da manhã. Hora apropriada para esse programa.

O estrangeiro enfrentou a fila e o alarido dos parisienses e conseguiu seu bilhete. Tirou o chapéu e se instalou na proa da “mosca”; dali poderia ver o traçado de prédios da Rive Gauche. E, um a um, eles deslizaram à sua vista, quietos sob o véu centenário de sua história. O sol forte tremulava nas águas do Sena, atijando o fogo de seus olhos que a tudo consumiam como labaredas.

Depois, o *mouche* girou e fez o percurso de volta, para que pudesse ver, plenamente, as belezas da outra margem.

O estrangeiro desembarcou uma hora mais tarde, a passos lentos, saboreando o prazer de flutuar naquele caminho estreito, que, no entanto, alargava as margens de sua alma.

Andou a esmo, ladeando o rio e, quando se deu conta, vislumbrava a Ile de la Cité, vista, ainda há pouco, da proa do barco.

Próximo a um poste, numa longa parede, estava o pôster de uma motocicleta Comiot, sobre a qual uma jovem, com chapéu e lenço ao pescoço, dirigia numa estrada rural, em meio a gansos inquietos e lavradores surpresos.



Figura 9.

Vendo-a com as mãos no *guidon* do charmoso veículo, o estrangeiro se sentia como criatura de um mundo em atraso, a anos-luz dessa civilização que, minuto a minuto, seduzia-o com novos maquinismos.

Por aquelas imediações, sabia que havia bons restaurantes, alguns na Galerie de Valois, onde poderia provar a *cuisine* da capital. Consultou seu

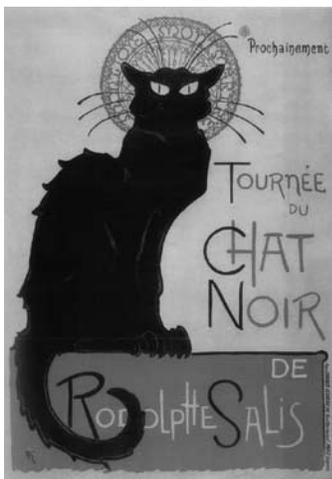


Figura 10.

almanach e constatou que estava a dois quarteirões dela. Rumou para lá, assobian-do, como se suas poucas horas de *flâneur* pela cidade o tivessem dotado da naturalidade dos parisienses.

Num tapume, ao lado da galeria, avultava outro pôster. Em seu centro, num estilo menos revoluto que os vistos até então, sobressaía um enorme gato negro, símbolo da *Tournée du Chat Noir*.

Ah!, o estrangeiro exclamou. Outro dos muitos cabarés que desejava conhecer.

Não demorou para encontrar na ga-leria o restaurante *Véfour*. A aparência nobre do local e a satisfação dos comensais, que conversavam animada-mente, o conquistaram à primeira mirada.

O garçom o conduziu a uma boa mesa e lhe entregou um livreto com dezenas de páginas ilustradas mais parecido a um catálogo de artes do que a um *menu*. Havia uma notável variedade de opções: *hors d'oeuvres*, sopas, pratos de carne, caça, vegetais e *fruits en compote*. Os preços, em francos, eram elevados, mas ele agiu com classe, como se fosse um *habitué*.

Aceitou a sugestão do garçom e pediu uma maionese de salmão co-mo entrada, seguida de rosbife com purê de batatas e queijos. E, claro, fez questão de uma garrafa de tinto das vinhas francesas.

Comeu com gosto, saboreando cada bocado lentamente, pensando naquela cidade idílica que se desnudava para ele.

Findo o almoço, acometeu-o um delicioso entorpecimento. Para despertar, pensou em fazer compras no *Le Printemps* ou no *Au Bon Marché*. Ainda não visitara um *magasins de nouveautés*, estava curioso para se inteirar das novas mercadorias – as roupas, os sapatos, as jóias, os perfumes. Cogitava ir também à *Maison Violet* para conhecer os cosméticos e demais inovações em *toilette* do *Reine des Abeilles*, que faziam o gosto dos aristocratas locais. Mas talvez fosse melhor visitá-la na tarde seguinte.

E havia ainda a torre Eiffel, com sua estrutura inteiramente de ferro, o Arco do Triunfo, a catedral de Notre-Dame, a gare D'orsay, o Panthéon, os espetáculos no Odéon...

Precisava se controlar ante aquele *charivari* de tentações...

Peregrinou um pouco pela Rue Voltaire, que o lembrou a figura de Candide; depois atravessou a Rue de L'université e, rapidamente, chegou no Au Bon Marché.

Enveredou-se pelos seus saguões, onde deparou-se com parisienses e turistas comprando lençóis, peças de seda, luvas, casacos de pele, guarda-chuvas, miudezas de armarinho. Mercadorias que ele jamais imaginara num mesmo local ali estavam, umas ao lado das outras, expostas em suportes inovadores, como sereias de cantos silenciosos.

Girou pelo magazine por mais algum tempo, sem se cansar, analisando os produtos, inteirando-se de suas qualidades, tocando-os.

Não resistiu aos feitiços do consumo e comprou uma caixa de lenços finos, um pente de casco de tartaruga e uma tesourinha de aparar unhas.

Antes de sair, jubilante, viu um pequeno cartaz junto à bancada sobre a qual se acumulavam embalagens em forma de cone. Era um *affiche* da Compagnie Française des Chocolats et des Thés.



Figura 11.

Um belo desenho, de tons pastel e curvas doces, que revelava um momento de ternura entre mãe, filha e o gato da casa. A um canto da ilustração, via-se a embalagem do chá, em forma de cone, igual às expostas ali.

O estrangeiro estudou o cartaz e procurou o nome do artista. Lá estava, no canto direito: Steinler. O traço era singelo, sem filigranas, em comparação ao de Mucha, mas também atraente. A cena lembrava um instantâneo da vida familiar, e quem a via, como um *voyeur*, flagrava a intimidade alheia.



Figura 12.

De volta à luminosidade solar da rua, o estrangeiro retornou às cercanias do Louvre. Consultou o almanaque e soube que a primeira linha do metrô, Vincennes-Maillot, fora inaugurada havia pouco tempo, unindo o leste ao oeste da cidade. Decidiu conhecê-la àquela hora.

No percurso até a estação, viu outros cartazes publicitários afixados diretamente nos muros. Um deles, de Chèret – o primeiro mestre da nova litografia, como soube depois –, desbotado pela chuva e pelo sol, exibia uma jovem num esvoçante vestido amarelo. Divulgava o Purgatif Géraudel, mais uma conquista da ciência médica para o bem-estar do homem moderno.

A arte rompera a moldura dos museus e se espalhava pelas ruas. Era uma dádiva poder apreciar gratuitamente o trabalho daqueles artistas, as imagens que, como essa, pareciam ganhar vida e mover-se em meio aos transeuntes.

É tão surpreendente para o estrangeiro, como andar no trem subterrâneo, foi ver, nos corredores de acesso à plataforma, as paredes cobertas de *affiches*. Anunciavam móveis, cervejas, artigos de tocador, tecidos, louças, variados shows e até o filme *Voyage dans la lune*, baseado na obra de Jules Verne.

Ao sair da estação do metrô, interessou-se por um vendedor com uma sacola às costas cheia de rolos de desenhos. Viu quando ele abriu inteiramente um deles para mostrar a um turista.

É um legítimo Lautrec, disse o vendedor. E argumentou que *affiches* como aquele haviam se tornado obras de colecionador.

A ilustração trazia a figura de uma jovem oriental com vestido e chapéu



Figura 13.

negros. Acima de sua cabeça, lia-se *Divan Japonais*.

Uma litografia do célebre Toulouse-Lautrec, que colocara seu talento a serviço da publicidade, desenhando cartazes para espetáculos teatrais, shows de danças e cabarés.

O vendedor mostrou outro cartaz ao turista. O estrangeiro se aproximou e viu o desenho de Jane Avril, a famosa dançarina de cançã.

Uma obra-prima de Lautrec, disse o vendedor. E enfatizou que era oferta única, porque Lautrec morreria havia poucos meses. Não haveria outras oportunidades de adquirir um *affiche* dele.

O turista sorriu, disse *Merci, merci*, e se retirou, atravessando rapidamente a rua.

O estrangeiro se apaixonara pelas gravuras, mas, quando soube o preço, desistiu. Eram caras demais para suas posses.

O vendedor desenrolou outro cartaz: o de um cavalheiro com ares de fidalgo e um cachecol vermelho ao redor do pescoço. *Ambassadeurs*. Aristide Bruant dans son cabaret, dizia seu texto.

Mais um belo Lautrec.

E, mesmo sem poder comprá-lo, o estrangeiro achava extraordinário poder mirá-lo ali, como se ainda em tinta fresca.

Despediu-se do vendedor e flanou mais um pouco pelas ruas centrais. Depois, folgou num banco do Jardin du Luxembourg, onde ficou a mirar, por entre os galhos das árvores, o sol que já não fulgia com a mesma força.



Figuras 14 e 15.

O frescor do vento acariciava seu rosto. Intensas tinham sido as sensações que experimentara desde a manhã. E a cidade continuava a se desdobrar a toda velocidade, as ruas rasgadas por gente e mais gente, omnibus, coches, automóveis...

Entardecia.

Apesar da fadiga, o estrangeiro sentia-se excitado para ir a Montmartre, nos subúrbios. Ouvira tantas histórias sobre sua vida artística, os cabarés, os bordéis, os teatros de revista, que nada o convenceria a adiar para o dia seguinte o passeio até lá.

O Moulin Rouge não lhe saía da imaginação, as dançarinas de canção habitavam seu sonho desde que decidira empreender a jornada a Paris.

Urgia encontrar um táxi para levá-lo a Montmartre.

E foi nesse momento que passou por ele um homem alto, elegantemente trajado. Não obstante os refinados traços de seu rosto, o olhar era frio e melancólico. O chapéu impecável e os sapatos exóticos o diferenciavam dos indivíduos que circulavam pela cidade. Um autêntico dândi!

O estrangeiro se lembrou das palavras de Baudelaire: “O dandismo é um sol poente; como o astro que declina, é magnífico, sem calor e cheio de melancolia”.

Continuou a perambular até o fim do Boulevard Saint-Michel, desembocando numa rua sem saída. Ao contrário de tudo o que vira, lá a sujeira imperava, e pessoas em andrajos imundos dividiam restos de comida. O mau cheiro o repugnou. Um mendigo deu pela sua presença e veio em sua direção.

O estrangeiro afastou-se dali, às carreiras. Quando alcançou uma das laterais de Notre-Dame, viu um coche desocupado e sinalizou para o condutor.

Mal se ajeitou, os cavalos se moveram, velozes. E ele partiu para Montmartre, apagando da mente aquele miserável que o havia assustado.

Agora se extasiava com as luzes elétricas que se acendiam nas mansões à margem esquerda do Sena e, lá adiante, no Au Bon Marché e em outros magazines.

Chegou à colina de Montmartre quando a noite já engolia, vagarosamente, o esplendor da tarde.

Desceu do táxi. Uma brisa leve se insinuava pelos espaços abertos. Parou no alto da colina para observar Paris sem o poder do sol. Dali podia ver as luzes da cidade latejando lá embaixo, como um enxame de estrelas encravadas na escuridão da terra. Uma vista feérica que se gravou para sempre em sua memória de homem dos tristes trópicos.

Embrenhou-se por uma ruela pouco iluminada, seguindo um rumor que se tornava, a cada um de seus passos, mais vívido e alegre, enquanto sua sombra bruxuleava no chão de pedra. Desembocou numa rua maior que fervia de gente e onde o vozerio crescia. Uma música efusiva soava ao longe.

Em meio ao vaivém das pessoas, notou, ao fundo, numa praçinha, um pintor sentado num tamborete, e, aos seus pés, dezenas de telas apoiadas num muro, em exposição. A Nova Arte pulsava até nos rincões mais afastados de Paris.

Sentado no degrau de uma escada, à porta de um café, um homem dormitava. Outro circulava entre os notívagos, a carregar uma tabuleta às costas e outra ao peito, anunciando um espetáculo de *ballet*.

Algumas floristas, exageradamente maquiadas e falantes, iam para lá e para cá, abordando os passantes.

Um vendedor ofereceu-lhe um binóculo para teatro e outro insistiu em lhe mostrar gravuras licenciosas. Aqui e ali se viam policiais, mas eles só observavam as pessoas, indiferentes ao azáfama de Montmartre.

O estrangeiro prosseguiu até chegar a um edifício intensamente iluminado, onde uma longa fila se formava. Era o Moulin Rouge, como pôde comprovar no *affiche* colado na parede, que mostrava uma cena supostamente igual à que ele veria lá dentro: uma dançarina a erguer uma das pernas num clássico passo de canção.

Sua alma porejava felicidade.

Pôs-se na fila e, enquanto aguardava, um homem de pele morena, com sotaque



Figura 16.



Figura 17.

esquisito, aproximou-se dele e apontou várias vezes para o bolso do paletó, oferecendo algo que trazia oculto. Ao estrangeiro pareceu que o homem mencionava as palavras “haxixe” e “ópio”. Respondeu com um meneio negativo de cabeça. O sinistro vendedor insistiu, mas ele se fez de desentendido, a consciência alerta para os perigos que brotavam sob o disfarce dos prazeres.

À porta do Moulin Rouge, um velho gritava *Entrée, entrée*, apressando os espectadores.

Chegou a vez de o estrangeiro entrar.

Pareceu que pisava na terra dos idílios. Em meio à névoa da fumaça dos cigarros, viu homens bebendo e conversando desbragadamente ao redor das mesas. O movimento eufórico dos atendentes pelo salão, o verde vívido do absinto nos copos e a atmosfera carregada de excitação o transportaram para uma longínqua realidade. O dia fora pejado de descobertas que desaguavam, aos borbotões, na foz daquela penumbra.

O estrangeiro pediu uma dose de absinto, ansioso para provar seu gosto. E foi prontamente atendido.

Bebeu um gole. Outro. Outro mais. E sentiu que experienciava um momento único, maior do que podia sorver, um momento de transbordamento. O show ia começar. A febre alta do ambiente, a gargalhada dos bêbados e o efeito da bebida alcoólica o entorpeceram.

O retorno

Abriu os olhos, e o espírito da nossa época, tão pós, um século à frente, focou vagarosamente um dos milhares de carros em chamas nos subúrbios de Paris – os novos lumes da Cidade Luz. Em vez de um pôster publicitário, a foto da força antimotim da polícia francesa lançando

jatos d'água contra os suspeitos de vandalismo perto da torre Eiffel: os imigrantes que viviam na periferia da capital.

Foi a imagem primeira à janela de seu despertar. O fogo líquido começando a incinerar esses tempos de hiper-realidade.



Figura 18.

Referências bibliográficas

- BAUDELAIRE, C. *Sobre a modernidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- BAUDRILLARD, J. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 1995.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BENJAMIN, W. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Obras escolhidas. vol. III. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- . “Paris, capital do século XIX”, in KOTHE, Flávio R. (org.). *Walter Benjamin*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1985.
- CHAMPIGNEULLE, B. *Art Nouveau*. São Paulo: Verbo, 1976.
- CHRISTIANSEN, R. *Paris Babilônia. A capital francesa nos tempos da comuna*. São Paulo: Record, 1998.
- ECO, U. *A misteriosa chama da rainha Loana*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- FEINBLATT, E. & BRUCE, D. *Toulouse-Lautrec and his contemporaries. Posters of the Belle Époque from the Wagner collection*. Los Angeles: County Museum of Art, 1985.
- HERBERT, R. L. *Impressionism. Art, Leisure, and Parisian Society*. London: Yale University Press, 1991.
- HOLLIS, R. *Design gráfico. Uma história concisa*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- MUCHA, A.; MUCHA, J.; HENDERSON, M. *Alphonse Marie Mucha*. London: Academy Editions, 1974.
- PARIS 1900: *Na coleção do Petit Palais*. Rio de Janeiro: [s.n.], 2002. Catálogo de exposição, 21 mai.-21 jul. 2002, Centro Cultural Banco do Brasil (Rio de Janeiro).
- VENTURI, L. *De Manet à Lautrec*. Paris: Éditions Albin Michel, 1953.
- WEILL, A. *L'affiche française*. Paris: Presses Universitaires de France, 1982.

Sites consultados

<http://baudelaire.litteratura.com>

<http://www.musee-orsay.fr>

<http://www.museeabsinthe.com>

<http://www.museedelapub.org>

<http://www.paris.org/expos/belleepoque>

http://www.parisrama.com/thematiques/transport_a_paris.htm

Créditos das imagens

Figura 1: Mucha, Alphonse. *Nectar Liqueur*, 1899. Litografia (64 x 26 cm). In MUCHA, J.; HENDERSON, M. *Alphonse Marie Mucha*. London: Academy Editions, 1974, p. 85.

Figura 2: Cheret, Jules. *Folies-Bergère*, 1893. Litografia (121 x 23 cm). In FEINBLATT, E. & BRUCE, D. *Toulouse-Lautrec and his Contemporaries. Posters of the Belle Époque from the Wagner Collection*. Los Angeles: County Museum of Art, 1985, s/p.

Figura 3: Mucha, Alphonse. *Biscuits Champagne Lefrère-Utile*, 1896. Litografia (35.5 x 52 cm). Paris: sdac, s/d. 1 cartão postal, color.

Figura 4: Capiello, Leonetto. *Chocolat Klaus*, 1903. Litografia (150 x 109.3 cm). In FEINBLATT, E. & BRUCE, D. *Toulouse-Lautrec and his Contemporaries. Posters of the Belle Époque from the Wagner Collection*. Los Angeles: County Museum of Art, 1985, s/p.

Figura 5: Mucha, Alphonse. *Job*, 1898. Litografia (138.5 x 92.5 cm). In FEINBLATT, E. & BRUCE, D. *Toulouse-Lautrec and his Contemporaries. Posters of the Belle Époque from the Wagner Collection*. Los Angeles: County Museum of Art, 1985, s/p.

Figura 6: Mucha, Alphonse. *Gismonda*, 1895. Litografia (213 x 75 cm). In FEINBLATT, E. & BRUCE, D. *Toulouse-Lautrec and his Contemporaries. Posters of the Belle Époque from the Wagner Collection*. Los Angeles: County Museum of Art, 1985, s/p.

Figura 7: Mucha, Alphonse. *Flirt*, 1900. Litografia (61.5 x 27.5 cm). In FEINBLATT, E. & BRUCE, D. *Toulouse-Lautrec and his Contemporaries. Posters of the Belle Époque from the Wagner Collection*. Los Angeles: County Museum of Art, 1985, s/p.

Figura 8: Mucha, Alphonse. *Möet & Chandon*, 1899. Litografia (64 x 26 cm). In MUCHA, J.; HENDERSON, M. *Alphonse Marie Mucha*. London: Academy Editions, 1974, p. 85.

Figura 9: Steinlen, Theophile-Alexandre. *Motocycles Comiot*, 1899. Litografia (188 x 130.5 cm). In FEINBLATT, E. & BRUCE, D. *Toulouse-Lautrec and his Contemporaries. Posters of the Belle Époque from the Wagner Collection*. Los Angeles: County Museum of Art, 1985, s/p.

Figura 10: Steinlen, Theophile-Alexandre. *Tournée du Chat Noir*, 1896. Litografia (134.5 x 93 cm). In FEINBLATT, E. & BRUCE, D. *Toulouse-Lautrec and his Contemporaries. Posters of the Belle Époque from the Wagner Collection*. Los Angeles: County Museum of Art, 1985, s/p.

Figura 11: Steinlen, Theophile-Alexandre. *Compagnie Française des Chocolats et des Thés*, 1895. Litografia (77.5 x 57 cm). In FEINBLATT, E. & BRUCE, D. *Toulouse-Lautrec and his Contemporaries. Posters of the Belle Époque from the Wagner Collection*. Los Angeles: County Museum of Art, 1985, s/p.

Figura 12: Cheret, Jules. *Purgatif Géraudel*, 1891. Litografia (230 x 81.5 cm). In FEINBLATT, E. & BRUCE, D. *Toulouse-Lautrec and his Contemporaries. Posters of the Belle Époque from the Wagner Collection*. Los Angeles: County Museum of Art, 1985, s/p.

Figura 13: Toulouse-Lautrec, Henri de. *Divan Japonais*, 1893. Litografia (79 x 59 cm). In FEINBLATT, E. & BRUCE, D. *Toulouse-Lautrec and his Contemporaries. Posters of the Belle Époque from the Wagner Collection*. Los Angeles: County Museum of Art, 1985, s/p.

Figura 14: Toulouse-Lautrec, Henri de. *Jane Avril*, 1893. Litografia (130 x 95 cm). In FEINBLATT, E. & BRUCE, D. *Toulouse-Lautrec and his Contemporaries. Posters of the Belle Époque from the Wagner Collection*. Los Angeles: County Museum of Art, 1985, s/p.

Figura 15: Toulouse-Lautrec, Henri de. *Ambassadeurs: Aristide Bruant*, 1892. Litografia (150 x 100 cm). In FEINBLATT, E. & BRUCE, D. *Toulouse-Lautrec and his Contemporaries. Posters of the Belle Époque from the Wagner Collection*. Los Angeles: County Museum of Art, 1985, s/p.

Figura 16: Toulouse-Lautrec, Henri de. *La Goulue, Moulin Rouge*, 1891. Litografia (170 x 120 cm). In FEINBLATT, E. & BRUCE, D. *Toulouse-Lautrec and his Contemporaries. Posters of the Belle Époque from the Wagner Collection*. Los Angeles: County Museum of Art, 1985, s/p.

Figura 17: Livemont, Privat. *Absinthe Robette*, 1896. Litografia (110.5 x 82.5 cm). In FEINBLATT, E. & BRUCE, D. *Toulouse-Lautrec and his Contemporaries. Posters of the Belle Époque from the Wagner Collection*. Los Angeles: County Museum of Art, 1985, s/p.

Figura 18: Platiau, C. (Reuters). *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 2 de janeiro de 2006, p. A10. Fotografia color. Foto apresentada em reportagem sobre protesto de imigrantes em Paris.